



EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

15. COMEÇANDO A VOLTAR

Como tudo na vida, uma viagem acaba se organizando, de fato ou em nossa representação sobre ela, em partes, como fatias de um tempo, parafraseando Drummond, em que se vive a viagem, composto de vários antes, durantes e muitos depois.

Há a fatia do tempo de sonhar com ela (escolha de roteiros, verificação de possibilidades, ponderação dos pontos a favor e pontos contra, avaliação de custos...), de prepará-la (providências com as formas de deslocamento, reservas de hotel, compra de moedas estrangeiras, quando é o caso...), de quase sair de casa (fazer malas, executar os pagamentos que tem que ser adiantados, esvaziar a geladeira...), de começar a viagem e assim por diante.

Nesta seção do relato desta “Expedição ao Cone Sul”, descrevo justamente a fatia do tempo, em que nos damos conta que mais da metade da viagem já se foi, que a proporção de roupas sujas em relação às limpas ficou maior, que, enfim, faltam menos dias para acabar o ‘durante a viagem’ do que aqueles que já passamos nesta deliciosa experiência que é a de vivenciar os outros lugares, que não o do nosso cotidiano.

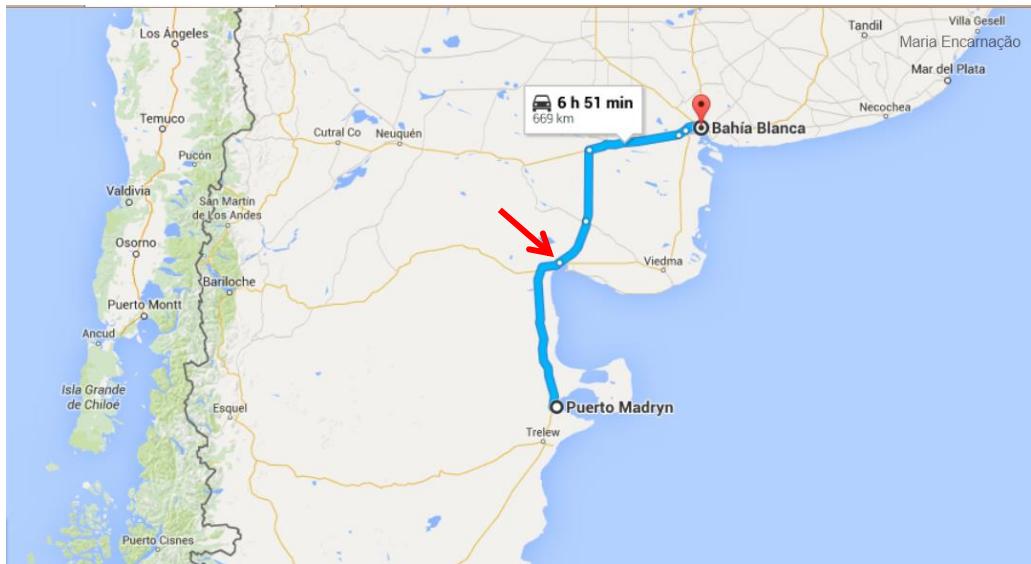
Essa sensação veio de cheio quando deixamos Puerto Madryn pelos aspectos já destacados relativos à divisão do tempo em fatias, mas, sobretudo, como decorrência de pegarmos a estrada, agora, no sentido norte, ou seja, foram-se os longos trajetos para alcançar o sopé dos Andes e ladeá-lo, em direção ao sul, assim como ficou para trás o enorme trecho que realizamos para cortar a Argentina de oeste para leste, chegando ao Atlântico. Agora o rumo tomado é o que nos leva para casa, temos menos coisas a conhecer, porque já passamos pela maior parte das cidades nas quais vamos parar e a expectativa é que alguma surpresa aqui ou ali ajude a manter o jeito de aventura nova que prevaleceu até então. Em que pese o absurdo da analogia, seria como entrar na terceira idade, mas com muita vontade de não ser esta fatia de tempo apenas o começo do fim.

Entre Puerto Madryn e o cruzamento da fronteira com o Uruguai, percorremos muitos quilômetros que foram e aqueles em que mais nos detivemos a supor como estariam a economia e a sociedade na Argentina. Isso ocorreu, talvez, porque as cidades por onde passamos e os territórios cruzados nada tinham de essencialmente turísticos e denotassem, por isso, como vai o corpo de verdade do país e seu coração, Buenos Aires.

Viajamos este trecho querendo chegar no Uruguai, mas parando em Bahía Blanca e Tandil, para dormir, o que foi ótimo para observar como vai o país nesta que é sua principal província, a de Buenos Aires.

Deixamos a Patagônia para trás e lá estávamos nós, mais uma vez, cortando algum trecho das planícies que caracterizam o Pampa na América do Sul. Por muitos quilômetros, de um lado e de outro, as estâncias de criação de gado predominavam, vez ou outra, interceptadas por campos de girassol ou áreas que pareciam preparadas para o plantio do trigo. Se no trecho

anterior da viagem, o movimento do relevo encantava, agora era preciso mais esforços para encontrar beleza (e nunca surpresa) diante de tanta planura.



A densidade de veículos nas estradas aumentou e, com ela, ficou mais evidente que há um problema geral no país que é a oferta de postos de abastecimento de combustível. Eles são poucos, estão, muitas vezes, a grande distância um do outro e, para piorar, os frentistas são menos ágeis e criativos que os brasileiros. Já tínhamos ficado preocupados no primeiro trecho

percorrido na Argentina, entre Clorinda e Santa Fé, no qual o ponteiro do marcador bateu na reserva. Fizemos planejamento para não ocorrer o mesmo entre Bariloche e Puerto Madryn, e isso não ocorreu, mas, indo para Bahía Blanca ficamos apavorados, ao chegarmos ao entroncamento rodoviário entre a RN 3 e a RN 251, onde havia dois postos, um deles com uma fila enorme. Não imagine você, leitor, que é uma fila de três ou quatro carros, era fila de 30 carros. Fomos ao outro, que estava vazio, sem entender a razão, para logo sabermos que havia acabado o combustível do reservatório. Começamos a calcular quanto tempo demoraríamos para chegar à bomba, voltando ao primeiro posto e resolvemos entrar na cidade mais próxima – San Antonio Oeste (assinalei sua localização com uma seta vermelha no mapa) - e lá nos defrontamos com outra fila, um pouco menor, mas igualmente fila....

É difícil compreender como o número de pontos para abastecimento ficou tão reduzido, face à demanda, e o serviço tão lento, num contexto destes, e só pudemos elaborar uma suposição: deve haver algum mecanismo de concessão do direito de exploração deste serviço, que não está funcionando ou por falta de planejamento ou para manter a exploração deste ramo nas mãos dos mesmos ou de alguns. Será?

O bom de entrar na cidade para abastecer, foi a oportunidade de conhecer sua praça principal e ver que não apenas havia mesas com bancos para se sentar, como famílias que aproveitavam, como nós, a sombra para realizar seu rápido ‘almoço’. Isso sempre me encanta quanto estou fora do Brasil: o uso do espaço público para fazer coisas tão simples, como tomar um lanche, estar por muito tempo ali, ler um livro, observar a vida.



A parada em Bahía Blanca, para pernoitar foi agradável e instrutiva, sobretudo para nós geógrafos, que não imaginávamos que seu porto fosse tão grande e estivesse tão bem equipado para viabilizar a exportação de produtos primários. Segundo informações dadas na própria recepção do hotel é o segundo porto da Argentina em volume de mercadorias embarcadas e desembarcadas. É composto de grandes terminais, próximos dos quais agroindústrias estão instaladas com unidades de produção ou, apenas, de armazenamento.

As duas imagens da esquerda foram retiradas da web oferece uma vista geral do porto. A da direita registrada por mim dá uma ideia do tamanho dos depósitos associados a agroindústrias que há por lá. A imagem seguinte possibilita uma visão geral da cidade, que tem mais de 360 mil habitantes (fonte da foto: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bah%C3%ADa_Blanca).



O que é, hoje, o centro principal da cidade, cortado por um calçadão que estava animado, com várias pessoas tomando cerveja nas mesas dispostas na rua, não corresponde à parte de ocupação mais antiga da cidade, aquela que a nucleou. Esta é hoje, um bairro residencial, com predomínio de ocupação de descendentes de italianos, imigrantes que tiveram muita importância na ocupação da Província de Buenos Aires e desta cidade.

O bairro mantém um ar agradável, de “parado no tempo”, e há algumas iniciativas, segundo o registro em dois guias para turistas, de iniciativas para animar sua vida econômica com restaurantes do tipo “cantinas”, mas nós mesmos, que estávamos lá por volta das 19h, nada vimos que parecesse animador.

O centro comercial atual é caracterizado por um plano urbano ortogonal, como grande parte das cidades argentinas, conformado por vias largas, e, à medida que nos afastamos do seu core, vemos um casario elegante, que mostra que a cidade deve ter tido muita importância econômica na segunda metade do século XIX e primeira metade do XX. O Teatro Municipal, bem próximo da grande praça principal, também passa a ideia de um período de abundância econômica vivido pela cidade. A foto da esquerda registramos no começo da noite, sem muita

iluminação. A da direita foi extraída da web e dá uma noção melhor da imponência do prédio.



Não deu para andar muito, ver as áreas residenciais mais recentes e avaliar o que vem acontecendo na cidade, mas o ambiente foi todo muito agradável para nós. Andar por uma cidade, sem qualquer apelo turístico, ajuda a gente a se aproximar mais do que, efetivamente, é a vida de uma sociedade, seus valores, hábitos, seu possível padrão socioeconômico etc. Alguns aspectos que já vínhamos observando desde que entramos na Argentina tornaram-se mais evidentes tanto em Bahía Blanca como em Tandil, a parada seguinte, cidade na qual já tínhamos estado em razão de pesquisas científicas sobre cidades médias.

Quero falar de duas coisinhas, que, observadas uma primeira vez, parece que saltam aos olhos toda hora, sem que a gente seja capaz de avaliar se é ou não algo tão peculiar a um país ou tão diferente do nosso. Como este não é um texto científico, me dou ao direito de errar nas especulações, mais que isso, de exagerar no pitoresco e, neste caso, os argentinos que me desculpem, eu peço, por favor.

O primeiro são os *coches*. A Argentina tem uma frota muito diversificada de carros, como é próprio dos países capitalistas do mundo contemporâneo, tanto mais quando tratamos da América Latina, cujas cidades são pouco servidas por transportes coletivos. No entanto, o que me chamou atenção demais, foi a presença, nesta frota, de carros muito antigos, circulando por todo lado. Eles sempre me faziam lembrar cenas da minha infância em São Paulo, quando a maior dos veículos ainda era composta de importados e, sobretudo, carros antigos; ou me rememoravam as *villages* francesas, onde nos anos de 1990, víamos carros dos anos 1940 ou 1950; ou....

Fiquei me perguntando se isso é um traço cultural, ou seja, teriam os argentinos menor disponibilidade para o descarte do que ainda funciona do que nós brasileiros? Ou teriam maior apreço ao que é antigo e acaba tendo um valor, às vezes histórico, às vezes emocional? Acabei concluindo que o acesso aos veículos motorizados novos ou usados não tão antigos, talvez, não seja tão fácil na Argentina como tem sido facilitado no Brasil, nas duas últimas décadas, a partir de quando a entrada de novas transnacionais do ramo no país aumentou muito a capacidade de produção no parque industrial nacional. Produziu, tem que vender....

As fotos que seguem não foram registradas apenas neste trecho da viagem, mas são uma amostra do que vimos durante a viagem.





Estas duas últimas fotos já são de calhambeques tão velhinhos que estavam servindo de mesa ao ar livre num bar em Colônia do Sacramento, no Uruguai.



Outra coisa que me saltou aos olhos desde o começo é o modo diferente do brasileiro que têm as argentinas de se arrumar. São muito vaidosas, estão sempre maquiadas e com penteados especiais, muitas vezes para lá de especiais, e o ponto que mais chamou atenção foram *los tacones*.



Este é o verão argentino em que predominam os sapatos elevados com plataformas altíssimas e como eu sou de estatura média e, no geral, elas não estavam mais altas do que eu, percebi que no interior do país, onde talvez a miscigenação tenha sido maior e os genes de várias nações indígenas estão mais presentes, as mulheres são baixas.

Mesmo com estes saltões, elas não passam do meu tamanho, o que faz entender porque escolhem estes tipos de sapatos, num tempo em que as *top models* de plantão, fazem a gente supor que a beleza está toda centrada na altura e na magreza.

Olhando as argentinas se equilibrarem nestas plataformas me senti plenamente integrada ao filme de Almodóvar, *Tacones Lejanos*.

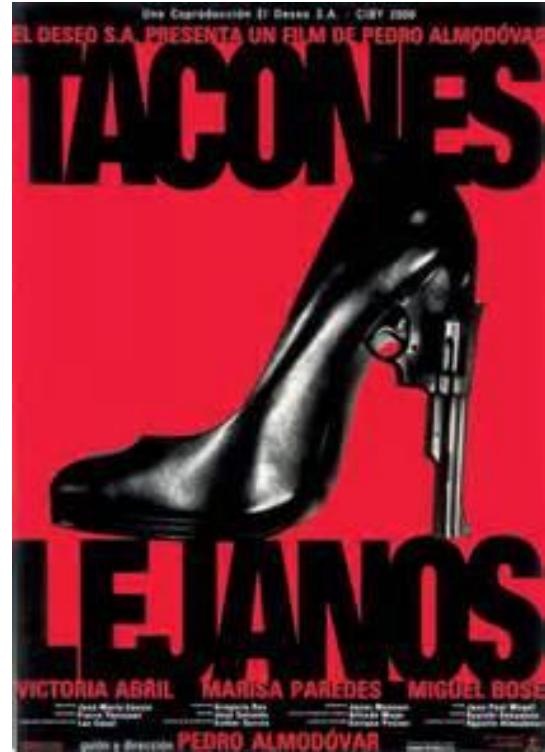


Foto do caput deste texto extraída de

https://en.wikipedia.org/wiki/Buenos_Aires_Province#/media/File:Puertobb.JPG

Carminha Beltrão

Janeiro de 2016